

RABO DE ARRAIA
CAPOEIRA REGIONALCANTIGA
CAROLINA SOARES

“Mulher na roda Não é pra enfeitar Mulher na roda É pra ensinar É, ela treina com destreza E respeita o educador Mostrando delicadeza E também o seu valor Mulher na roda Não é pra enfeitar Mulher na roda É pra ensinar Já passou aquele tempo Que era só bater pandeiro Bater palma e cantar coro Pra poder ganhar terreno”

GLOSSÁRIO

CHAPÉU DE TRÊS BICOS Utilizado para esconder a navalha, a sardinha. A navalha também poderia estar nos pés ou entre os dedos
CINCO SALOMÃO Signo protetor dos capoeiristas. Uma estrela de cinco pontas (um homem com os braços e pernas abertos) envolvida por um círculo para proteger contra os males espirituais

PARA USAR NA ESCOLA

Esta matéria sugere e oportuniza levantar o estudo da questão de gênero na escola através da história da capoeira. A ideia é desmitificar conceitos como estereótipos e sexismo.

A roda de capoeira deve ser pensada como um espaço plural, de homens e mulheres, de vivência política, valorizando as diferenças para a promoção de garantia da equidade.

A proposta é discutir os papéis da mulher na sociedade e no ambiente da capoeira, fazendo relação com outras funções que elas desempenham, ao mesmo tempo, na escola, na família, no emprego, na educação, no turismo e outros locais.

A abordagem da violência (física e psicológica) contra a mulher deve fazer parte da discussão em todos os assuntos discutidos.

A partir daí, podemos chegar à questão da liderança e apontar quem são essas protagonistas na nossa história. É o momento da sensibilização. Os vídeos, artigos, textos e sites das redes femininas são um bom começo para o planejamento. Mulheres capoeiristas podem ser convidadas para debater com os alunos e contarem os obstáculos para conseguir inserir-se nesse universo, conquistando a posição de respeito.

A educação deve basear-se no desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem por meio de um universalismo ético, científico e cultural.

PARA SABER MAIS

Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil (Luiz Augusto Pinheiro Leal e Josivaldo Pires de Oliveira, 2009)

Blog do Grupo Nzinga (<http://www.nzinga.org.br>). Leia artigo do jornalista e antropólogo Marlon Marcos (<http://mundoafro.atarde.com.br>)

“Apesar das dificuldades, estamos mudando essa situação”

MESTRE JANJA, capoeirista



JURACY DOS ANJOS

EVIDÊNCIA Mulheres mostram com maestria que é possível ganhar respeito no reduto antes dominado por homens



Mestre Janja é um dos símbolos da conquista de espaço que as mulheres alcançaram na capoeira

Mulheres comandam no Grupo Nzinga

No Alto da Sereia, no Rio Vermelho, uma roda de capoeira está montada. No comando, ao invés de homens, como tradicionalmente ocorre, duas mulheres. Elas ditam as regras. Na história dessa manifestação cultural, poucas ocupam esse posto, o que as tornam parâmetro para uma nova geração.

O Instituto Nzinga de Estudos da Capoeira Angola e Tradições Educativas Banto no Brasil foi criado, em 1995, por Rosângela Costa Araújo, Mestre Janja. Paula Barreto, a mestre Paulinha, conta que o grupo foi fundado em São Paulo e depois se expandiu para Salvador, Brasília, Cidade do México (México),

“A capoeira é um exemplo de respeito ao próximo e união”

BRUNA KARINA, capoeirista



GUERREIRAS CONQUISTAM ESPAÇO NA RODA

“O que me motiva na capoeira é a filosofia de vida que ela traz”

FRANCINEIDE MARQUES, capoeirista



“É uma manifestação que envolve luta e religiosidade”

SARA ABREU, estudiosa da capoeira



“A capoeira é um caminho para aproximar as pessoas”

MESTRE PAULINHA, capoeirista



As rodas de capoeira não são as mesmas, nem nas ruas, nem nas academias. O ambiente inicialmente masculino foi alterado com um toque delicado. São elas, as mulheres, protagonistas dessa transformação, iniciada por volta da década de 1970.

Antes deste período, como narra a historiadora Rosângela Araújo, mestre Janja, as mulheres “sensíveis e frágeis” mal podiam ter (ou não tinham nenhuma) atuação “neste mundo masculino”. Na verdade, para conquistar este universo – marcado pela violência – tinham que incorporar algo que não possuíam: a masculinidade. “Tinham que parecer homens, inclusive nos nomes. Temos capoeiristas, como Maria Doze Homens e Pau de Barraca, que ganharam esses apelidos para, de alguma forma, deixarem de ser mulheres”.

Segundo Janja, esse era o valor pago pela transgressão. “Antes de 1970, tínhamos um discurso sexista que fundamentava a prática, o que, aos poucos, vem sendo quebrado por nós”. Janja, além de mestre de Capoeira Angola tem mestrado e doutorado sobre a prática da capoeira.

Coordenadora da Rede Angoleira de Mulheres é também uma das poucas que alcançaram a graduação máxima assim como Jararaca (Ponto de Cultura Irmãos Gêmeos), Paulinha (Instituto Nzinga de Estudos da Capoeira Angola) e Tirza (aluna de João Grande).

Superação

Da discriminação ao protagonismo, as mulheres ainda travam uma árdua luta para ampliar sua participação. Mestre Janja conta que tudo começou quando a capoeira deixou de ter o caráter violento para alcançar uma novo status defendido por Pastinha, nascido em 1889. Segundo ela, o grande mestre ensinava que não é possível ensinar capoeira de modo agressivo.

“A capoeira sempre foi um reduto dos valentões, quebrado com a introdução do novo discurso educativo de Pastinha. Foi neste cenário que as mulheres abriram espaço e começaram a afirmar sua presença gradativamente”, diz ela, estimando que dos cerca de 8 milhões de praticantes no Brasil, apenas 30% são de mulheres.

Se a presença feminina ainda não é expressiva, ainda menor é o número de mestres (último nível na escala de excelência da prática). “Até há pouco tempo, não havia mestras de capoeira. Diria que de dez anos para cá, esse processo tem se democratizado, não sem resistências.

YOUTUBE.COM/WATCH?V=OAZOZGADJIC



O vídeo mostra uma roda de capoeira com mestre Jararaca, que pratica Capoeira Angola, e mestre Rapidinha, ambas discípulas do mestre Curio, do Ponto de Cultura Irmãos Gêmeos. Na filmagem, podem conferir a beleza do jogo protagonizado por elas.



Hoje, no entanto, já temos um número considerável de mestres”, diz Pedro Abib, pesquisador da prática e capoeirista há 20 anos.

Mestre Virgílio, presidente da Associação Brasileira de Capoeira Angola, afirma que não existe uma estimativa de quantas mulheres chegaram a ser consagradas com o título. “São poucas”, diz. A afirmação se assemelha a de Dalva Silva, vice-presidente da Associação de Capoeira mestre Bimba. “Existe uma quantidade boa de professoras, mas pouquíssimas mestres”, ressalta.

Para chegar a esse patamar, as mulheres precisam, assim como os homens, ser reconhecidas pela comunidade, como afirma Abib. Janja, no entanto, pondera que, além deste permissão dos pares, a mulher tem ainda que superar a discriminação para atingir tal grau.

No comando

Brisa Freire, 15 anos, praticante da Capoeira Regional, diz que a discriminação é evidente. “A sociedade criou um estereótipo para as mulheres, colocando-as em uma posição inferior ao do homem na sociedade e isso se reflete também na capoeira”, destaca a filha de Antonio Sérgio de Carvalho, mestre Cabeludo. “Nasci na capoeira e vejo situações onde as mulheres não são tão boas como os homens, como conseguem superá-los. Apesar disso, os homens não gostam de admitir que conseguimos alcançar esse patamar”, acrescenta Brisa.

Mestre Cabeludo, por sua vez, afirma que, na maioria dos grupos, a mulher atua em todas as etapas de uma roda, inclusive no comando. “Caso eu não esteja presente na nossa tradicional roda de sexta-feira do Grupo Porto da Barra, nos Barris, o comando desta fica a cargo do meu aluno mais velho ou graduado. Se este for uma graduada, ela assume a roda. Não é o sexo que define isso, é o tempo de capoeira e sua graduação”, explica o mestre.

História

Engana-se quem acha que, apesar da discriminação, as mulheres não conquistaram espaço na prática antes do século 20. O professor Carlos Eugênio Líbano conta que, em 1878, um jornal carioca já menciona a participação da mulher nas rodas. Anos depois, no início do século 20, outras guerreiras marcavam território. Segundo Abib, os grandes nomes que se destacaram nesta época foram Catu, Rosa Palmeirão, Angélica Endiabrada, Chicão e Salomé. Elas, segundo ele, deixaram seus nomes na memória da capoeira.

YOUTUBE.COM/WATCH?V=_287VDQGRQC



Um embate entre as mestras do Grupo Nzinga é mostrado no vídeo “Mestra Janja versus Mestre Paulinha”. Nesta produção, capoeiristas e curiosos podem descobrir a ginga da Capoeira Angola, que serve de base para o ensinamento das mestres no Instituto Nzinga.

